

# VIA TEOLÓGICA

Volume 22 – Número 44 – dez / 2021

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## **MOVIMENTO EVANGELICAL E A TEOLOGIA DA MISSÃO INTREGAL: UMA POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE E ENVOLVIMENTO SOCIAL RELEVANTE?**

*Dr. Josemar Valdir Modes*

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

JUNHO / 2021

# **MOVIMENTO EVANGELICAL E A TEOLOGIA DA MISSÃO INTREGAL: UMA POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE E EN- VOLVIMENTO SOCIAL RELEVANTE?**

The evangelical (dissidents of the Anglican Church) movement and the integral mission theology: a possibility of identity formation and relevant social engagement?

*Dr. Josemar Valdir Modes<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão Corporativa pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e um mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, com concentração em História e Cultura. Trabalha como Pastor na Primeira Igreja Batista em Ijuí, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é membro da Comissão Consultiva da Revista Ensaios Teológicos da Faculdade. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

## RESUMO

Definir os evangélicos e fazer a diferenciação entre eles e os anglicanos não resolve o problema da generalização do segmento no Brasil, mas aponta para a existência de uma teologia própria, adotada por algumas igrejas oriundas da reforma na Inglaterra, principalmente batistas e metodistas, que tem o cuidado com os excluídos da sociedade capitalista como marca da sua mensagem. Promover o reconhecimento mútuo pode ajudar a aproximar estas igrejas afim de realizarem um trabalho importante em solo brasileiro, o que ainda não é possível devido ao esfacelamento eclesial do protestantismo. Este artigo buscou fazer este agrupamento de denominações, a partir de bibliografias que falam sobre o movimento decorrente da assinatura do Pacto de Lausanne, compreendendo as igrejas batista e metodistas como portadoras de uma mentalidade social similar.

**Palavras-chave:** Evangelical. Teologia da Missão Integral. Evangélico. Igreja.

## ABSTRACT

Defining and differentiating the evangelicals (dissidents of the Anglican church) and the anglicans (dissidents of the Lutheran church) do not solve the segment generalization problem in Brazil, but it shows the existence of a theology that is adopted by some churches belonging to the reform in England, mainly Baptists and Methodists, which have taken care of the excluded people from capitalist society as their own mark. Thus, promoting mutual recognition can help bring these churches closer to do an important work in Brazil, what it is not possible yet due to the Ecclesiastical overthrow of Protestantism. This article is aimed to make this grouping of denominations, through bibliographies that talk about the movement resulting from the Treaty of Lausanne, in-

cluding the Baptist and Methodist churches as bearers of a similar social mentality.

**Keywords:** Evangelical. Theology of the Integral Mission. Evangelical. Church.

## INTRODUÇÃO

O crescimento do movimento evangélico e evangelical<sup>2</sup> em solo brasileiro, com suas diferentes manifestações, não é uma novidade. Novas denominações e religiões conquistam seguidores e os fazem devotar a sua vida à verdade anunciada pelo grupo. Muitos se valem da mídia, destacando o sentimentalismo e satisfação imediata (lê-se milagrosa) dos anseios comuns aos seres humanos.<sup>3</sup> Pelo que se pode notar, nem sempre estas denominações, principalmente as de linhagem neopentecostal, tem uma preocupação social, coerente a visão histórica do movimento com o qual tem ligação.

Percebe-se também que o movimento evangelical segue a tendência da sociedade pós-moderna, que é multifacetada e

---

2 EVANGELICALISMO é um movimento originado pela reforma dentro da igreja Anglicana no século XVIII, gerando um reavivamento evangélico e o surgimento da forma de pensar de muitas das denominações da atualidade. O movimento foi marcado pela revitalização da pregação, pela inclusão das emoções e pela mudança de vida em milhares de pessoas, atentando para a sua demanda social. In.: BOSCH, David. Missão transformadora. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 80-84.

3 CAMPOS, Leonildo Silveira. Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 1997, p. 239-263.

que permite todos os tipos de manifestações.<sup>4</sup> É inclusive difícil de distinguir quem faz parte de qual grupo, e nem mesmo consegue-se fazer uma clara distinção entre os evangélicos e os evangelicais.

Sem esta distinção, todos os que não são católicos são agrupados em um imenso grupo denominado evangélicos ou protestantes, e suas características distintivas minimizadas, sem contar na exclusão da divulgação dos benefícios de suas ações em solo brasileiro, pois alguns destes grupos, por causa da sua teologia social, tem contribuído e muito para minimizar os efeitos do capitalismo sobre as populações da América Latina. Neste estudo irá se destacar a Teologia da Missão Integral, presente nos ideais evangelicais, como teoria e não como teologia estabelecida – isso porque ela só surge mais tarde na história, em 1967 – e que impele estas denominações históricas às ações de cunho social e que podem ser um fator de identificação e de aproximação com a sociedade dentro do movimento evangelical.

Diante desta falta de distinção entre os diferentes movimentos evangélicos no Brasil e do potencial social que o movi-

4 IDENTIDADE CULTURAL - O futuro das identidades num mundo pós-moderno, apresenta três qualificações principais, que vão em direção oposta à homogeneização. A primeira vem do argumento da observação de que, ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da "alteridade". Há, juntamente com o impacto do "global", um novo interesse pelo "local". A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de "nichos" de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como "substituindo" o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre "o global" e "o local". Este "local" não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações "globais" e novas identificações "locais". A segunda qualificação relativamente ao argumento sobre a homogeneização global das identidades é que a globalização é muito desigualmente distribuída ao redor do globo, entre regiões e entre diferentes estratos da população dentro das regiões. Isto é chamado de "geometria do poder" da globalização. O terceiro ponto na crítica da homogeneização cultural é a questão de se saber o que é mais afetado por ela. Uma vez que a direção do fluxo é desequilibrada, e que continuam a existir relações desiguais de poder cultural entre "o Ocidente" e "o Resto", pode parecer que a globalização - embora seja, por definição, algo que afeta o globo inteiro - seja essencialmente um fenômeno ocidental. Estas características apontam para uma valorização constante e presente da identidade, mesmo em meio à globalização e aos efeitos da Pós-Modernidade. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

mento evangelical apresenta em sua teologia e teoria, este estudo se propõe a estudar as características deste movimento, analisar quais denominações do contexto brasileiro tem ligação histórica com o movimento (se é que é possível fazer este estudo por denominação) e são adeptas de uma teologia e liturgia parecidas, verificar se há a possibilidade de agrupar estas diferentes denominações no Brasil, ajudando a conhecê-las e evitando as generalizações, com proposta de que, através da identificação, se pense em caminhos de aproximação das mesmas para potencialização da sua obra social tão relevante no contexto atual. Caso esta identificação seja mais complicada e o agrupamento impossível de ser executado, irá se mostrar os motivos que impedem esta solução.

## 1. EVANGÉLICO OU EVANGELICAL?

A conceituação e a identificação do que se pode chamar de movimento evangelical é um enorme desafio. A começar pela própria expressão evangelical” que nada mais é do que “a própria palavra “evangélico” na língua inglesa”.<sup>5</sup> Esta expressão é polissêmica; os significados são múltiplos e diferem entre si a partir do contexto histórico que se tem em mente, como também diferem dependendo do lugar sobre o qual se fala.

No Brasil a própria literatura produzida sobre o tema apresenta dificuldades na sua conceituação. Cavalcanti, por exemplo, diz em sua obra que o evangelicalismo se originou nos EUA após a Segunda Guerra Mundial. Este é um equívoco duplo, pois o movimento se origina na Europa e é bem anterior à Segunda Guerra.<sup>6</sup> John Stott, porta voz do movimento evangelical, destaca que “o adjetivo latino evangelicus se utilizou já no começo da história da igreja, com referência ao evangelho. Agostinho, por

5 CALDAS FILHO, Carlos R. “Reino de Deus na Teologia Latino-Americana”, in: CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – HISTÓRIA E SOCIEDADE, São Paulo, n.5, 2º sem. 2007, p. 144-160.

6 CALVANI, C. E. O Movimento Evangelical: considerações históricas e teológicas. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1993.

exemplo, declarou que ‘o sangue dos cristãos é algo como a semente do fruto do evangelho’ (*semen fructuum evangelicorum*).<sup>7</sup>

É a Reforma que torna o termo conhecido e o populariza. Dentro deste movimento “Lutero e outros reformadores passam a identificar-se como evangélicos<sup>8</sup> (*evangelici* forma reduzida de *evangelici viri*, ‘homens evangélicos’, ou em alemão como *die Evangelischen*).<sup>9</sup> Esta apropriação do termo faz com que, na Alemanha, no período da Reforma, os evangélicos sejam aqueles que concordavam com a teologia de Lutero, em distinção aos católicos como também aos protestantes de origem calvinista, conhecidos como reformados.

Para destacar o uso antigo do termo, Stott menciona ainda o filósofo cristão Erasmo de Roterdã que cita em seus textos que estes reformadores são chamados pelo título de *evangelici*, acompanhado da seguinte expressão: “sic enim appellari gaudent” (pois assim desejam chamar-se).<sup>10</sup>

Quando se olha para o movimento reformista na Inglaterra, nota-se que a partir das dissidências da Igreja Anglicana surgem outros grupos dissidentes, originados principalmente pelo que a história eclesiástica denomina de “Grandes Despertamentos” dos séculos XVIII e XIX, que são chamados de evangélicos. Estes emigram para a América, muitos para a América do Sul, fazendo com que o protestantismo que chegasse ao Brasil e outros países pudesse ser denominado de protestantismo evangélico, sendo por sua vez as igrejas protestantes comumente denominadas de evangélicas. “Fato é que os termos ‘protestante’ e ‘evangélico’ são tomados como sinônimos nos países latino-americanos.”<sup>11</sup>

7 STOTT, J. R. W. *Las controversias de Jesús*. Trad. Olivia de Hussey. Buenos Aires: Certeza, 1975, p. 31.

8 CALDAS, 2º sem. 2007, p. 148.

9 STEER, R. *Guarding the Holy Fire. The Evangelicalism of John R. W. Stott, J. I. Packer, and Alistar McGrath*. Grand Rapids: Baker Book House, 1999, p. 10.

10 STOTT, J. R. W. *Evangelical Truth. A personal plea for unity*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1999, p. 32-33.

11 BONINO, José Miguez. *Rostos do Protestantismo Latino-Americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 5.

Não haveria nenhum problema nesta denominação se o movimento evangélico não se tornasse tão multifacetado, mais do que já era em seu início. É bem verdade que o movimento denominacional previa a diferenciação de igrejas, mas jamais pretendia esta manifestação tão plural que se vive na atualidade.

É por esta falta de identificação que alguns grupos adotaram o termo *evangelical* como denominação distintiva do grupo conhecido por evangélico na América Latina. Quando neste contexto se fala dos evangelicais, reporta-se a “um grupo dentro do protestantismo com uma determinada teologia e práxis, comprometido com um determinado movimento”<sup>12</sup>, destacando os batistas e metodistas, originários da reforma religiosa na Inglaterra.

O que poderia ser a solução para uma identificação e aproximação entre os iguais, novamente se constitui de um desafio, movido principalmente pelo “caráter transdenominacional do evangelicalismo”.<sup>13</sup> O movimento não respeita as fronteiras propostas pelas denominações e se manifesta em igrejas dentro de determinados grupos como também se comunica com organizações e missões paraeclesiais (Visão Mundial, Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, Fraternidade Teológica Latino-Americana, congressos internacionais (CELAs, CLADEs, Lausanne, etc.).

As demandas para esta identificação são complexas, mas não se constituem de um obstáculo para uma caracterização geral do grupo. Geralmente são os evangelicais que fazem questão de que se estabeleça uma clara e firme conceituação do seu grupo, a partir de um “estatuto teológico” do movimento, ou seja, um núcleo de suas crenças”,<sup>14</sup> não concordando com a generalização, como se pode ver no discurso de Mendonça que diz que

O movimento evangélico traz consigo uma linha teológica e estratégica bem definida. Como,

12 LONGUINI NETO, 2002, p. 22.

13 MARSDEN, George. *Understanding Fundamentalism and Evangelicalism*. Erdmans, 1991, p. 6.

14 LONGUINI NETO, 2002, p. 22.

portanto, identificar todos os protestantes brasileiros como evangélicos? Embora as linhas do movimento se ajustem bem ao perfil da média dos protestantes brasileiros, existem muitos que, sendo evangélicos, não são 'evangelicais'. Daí a necessidade que os expositores do protestantismo têm de introduzir o anglicismo 'evangelical' para distinguir 'evangélicos' de evangélicos. Aqueles, tipicamente conservadores, denominacionalistas, antiecumênicos e até fundamentalistas, e estes soltos nas mais variadas correntes. Para concluir poderíamos dizer que os protestantes brasileiros são evangélicos mas nem todos são 'evangelicais'.<sup>15</sup>

Defendem os evangelicais que a necessidade que se tem de diferenciar o movimento provém do próprio uso eclético do termo evangélico, que dependendo da época e do local, designava pessoas com crenças completamente diferentes.

Como síntese pode-se apresentar o surgimento do movimento evangelical da atualidade e que está ligado à formulação do pacto de Lausanne em 1974, a partir das considerações de Cavalcanti que o localiza no passado da seguinte forma:

O evangelicalismo tem origem na Grã-Bretanha e não nos Estados Unidos da América; 2) o evangelicalismo tem origem no anglicanismo e não nas igrejas livres; 3) o evangelicalismo original tinha forte consciência social e política; 4) por sua base em universidades como Cambridge e Oxford, o evangelicalismo sempre foi compatível com a excelência acadêmica [...] 8) o fundamentalismo (fraco na Grã-Bretanha e forte nos Estados Unidos) surgiu 100 anos depois, como expressão localizada e extremada do evangelicalismo, e não o evangelicalismo como expressão moderada do fundamentalismo.<sup>16</sup>

15 MENDONÇA. "Quem é evangélico no Brasil?" Contexto Pastoral, Debate nº 8. 1992, p. 6.

16 CAVALCANTI, R. As origens do evangelicalismo. Viçosa: Ultimato, jul. 1998, p. 49.

## 2. CRENÇAS EVANGELICAIS – O QUE DEVIAR UNIR

A principal forma de se estabelecer uma “espinha dorsal” para o movimento evangélico é através da listagens das suas principais crenças. Nota-se nas suas crenças uma aproximação com as questões defendidas pelo fundamentalismo, mas é preciso destacar que são dois movimentos diferentes e o evangélicismo é anterior ao fundamentalismo.<sup>17</sup> “O movimento fundamentalista é uma espécie de linha de frente, um grupo militante que nasceu dentro do movimento evangélico, vindo mais tarde a se radicalizar e a se distanciar deste. Sendo assim, todo fundamentalista é um evangélico, mas nem todo evangélico é um fundamentalista”.<sup>18</sup>

Para este estabelecimento dos princípios reguladores da fé evangélica, precisa-se recorrer aos seus principais defensores, entre eles Samuel Escobar, “um líder evangélico Latino-Americano e um dos primeiros a fazer a diferença entre evangélicos, ecumênicos e fundamentalistas desde o início da década de 1970”<sup>19</sup>, faz uma classificação, em 1982, na qual destaca os seguintes elementos:

(1) A herança teológica da Reforma: somente a fé, somente a Escritura, somente a graça e somente Cristo, (2) A paixão evangélica, oriunda dos grandes reavivamentos do século XVIII, sobretudo o de Wesley, (3) A piedade pessoal, característica do despertar no luteranismo alemão de fins do século XVII que conhecemos como o pietismo: a ênfase na decisão pessoal e na experiência de uma relação com Deus, seguida por uma vida de oração e piedade associada a uma intensa vocação missionária, (4) A postura

17 FUNDAMENTALISMO é um movimento extremista de retorno às Escrituras como resposta ao Darwinismo e ensino deste nas escolas. Este movimento encontra adeptos em diferentes igrejas protestantes nos EUA. In.: LONGUINI NETO, 2002, p. 22.

18 LONGUINI NETO, 2002, p. 23.

19 ESCOBAR. In: QUIROZ (comp.). Teología en el camino: documentos presentados em los últimos veinte años por diferentes comunidades cristianas de América Latina, [198?], p. 5-10.

anabatista de separação entre Igreja e Estado, (5) A ética puritana: uma vida distinta e consagrada a Deus, com altos níveis de conduta, (6) A dimensão social do evangelho: um claro sentido de serviço, de obrigação social e de postura profética perante os males da sociedade.<sup>20</sup>

Há teólogos brasileiros preocupados em definir o movimento evangélico, dentre os quais se destaca Robinson Cavalcanti que define o evangelicalismo nos seguintes termos:

Preocupados com o equilíbrio, com a herança sã da tradição conservadora, os evangélicos, grosso modo, desenvolveram as seguintes características: (1) Leitura reverente das Escrituras. Como Palavra de Deus escrita por homens. Uso criterioso das ferramentas científicas. Possibilidade de errância dos leitores e intérpretes; (2) Confessionalidade credal. Credos e Confissões como explicações úteis, parciais e suficientes da fé; (3) Soteriologia seletiva. Apenas alguns serão salvos. Divergências sobre o conceito de 'penas eternas'; (4) Cristologia. Trinitária com ênfase nas duas naturezas; (5) Evangelismo. Anúncio a toda criatura, com sensibilidade transcultural; (6) Missão da igreja. Anúncio, edificação, comunhão, serviço e denúncia profética; (7) Milagres. Crença tanto nos bíblicos quanto nos atuais, evitando-se o ceticismo, a ingenuidade e o curandeirismo; (8) Escatologia. Diversidade de posições, com tendência ao amilenismo pós-tribulacionista; (9) Ética. Individual e social. Diferença entre aberrações e imperfeições. Espaço para *adiaphora* (liberdade criativa), defesa da democracia, pluralismo quanto ao socioeconômico, diálogo criativo com o mundo, santidade ativa (fazer coisas).<sup>21</sup>

20 ESCOBAR. In: FRESTON. Fé bíblica e crise brasileira. Viçosa: Ultimato, nov. 1993. p. 9.

21 CAVALCANTI. "Os protestantes e os evangélicos: liberalismo, neofundamentalismo e evangelicalismo". Viçosa: Ultimato, nov. 1993. p. 24.

John Stott, que comenta o Pacto de Lausanne<sup>22</sup> de 1974, e tem grande influência sobre o movimento evangélico na atualidade destaca que

Não basta somente ser um evangélico; também é essencial manter o testemunho de fé evangélico. Para o evangélico, fé não é alguma variação excêntrica do cristianismo histórico, pelo contrário, na nossa convicção é o cristianismo em sua mais pura e primitiva forma... Nossa preocupação primária como evangélicos é sermos bíblicos. Se, portanto, puder ser provado para nós nas Escrituras que alguma de nossas crenças está errada, nós estaremos prontos para modificá-la ou suprimi-la imediatamente. De fato, a principal marca do autêntico evangélico é a determinação para submeter-se à Escritura de corpo e alma, junto com uma prévia confiança para submeter-se a qualquer coisa que, na perspectiva da Escritura, possa demonstrar ensinamento.<sup>23</sup>

Pelas doutrinas pode-se notar um certo núcleo de pontos essenciais, que segundo Beyerhaus e Bosch, pode ser considerado como a vertente do evangélicismo radical. “O que torna o evangélicismo radical distinto dos demais evangélicismos é a compreensão de que questões de natureza sociopolítica devem ser radicalmente integradas à missão da igreja”. Esta incorporação política não retira de seu meio toda tradição “evangélica

22 PACTO DE LAUSANNE tem como premissa O evangelho todo, para o homem todo, para todos os homens. É uma síntese de muitos outros documentos e de um riquíssimo debate teológico, pastoral e missional que correu pela América Latina, inclusive anos antes de Lausanne (1974), como por exemplo no primeiro Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE I), em Bogotá, 1969, e no surgimento da Fraternidade de Teólogos Latino-americanos (FTL), em Cochabamba, 1970. KIVITZ, Ed René. Pacto de Lausanne. Disponível em < <http://edrenekivitz.com/blog/tag/pacto-de-lausanne/>>. Acesso em 21 nov. 2014. O Pacto de Lausanne aborda os seguintes temas: propósito de Deus; a autoridade e o poder da Bíblia; a unicidade e a universalidade de Cristo; a natureza da evangelização; a responsabilidade social cristã; a igreja e a evangelização; a cooperação na evangelização; o esforço conjugado de igrejas na evangelização; a urgência da tarefa evangélica; evangelização e cultura; educação e liderança; conflito espiritual; liberdade e perseguição; o poder do Espírito; e o retorno de Cristo. LONGUINI NETO, Luis. O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangélico no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002. p. 76.

23 ALLAN. The Evangelicals: An Illustrated History. Grand Rapids: Baker Book House, 1989, p. 141.

pietista, quais sejam a crença na necessidade de salvação por meio da fé em Jesus Cristo, da piedade pessoal, da evangelização e da autoridade das Escrituras”.<sup>24</sup>

“Cavalcanti denomina essa vertente de ‘evangelicalismo progressista’ e enumera suas ênfases particulares: a inculturação, a unidade, a responsabilidade social, a abertura às ciências humanas, uma ética positiva (não legalista/moralista)”.<sup>25</sup>

Mas o ponto chave de contato entre os evangélicos é a adoção da Teologia da Missão Integral, que não nega o anúncio da Palavra de Deus e entende que sem este anúncio a igreja não tem a menor condição de fazer missão, mas ressalta que o anúncio vai além das palavras faladas e precisa ser confirmado pela ação dos cristãos no meio em que vivem.

Esclarecendo um pouco mais a Teologia da Missão Integral, destaca-se que a mesma surgiu dentro da Fraternidade Teológica Latino-Americana, e exerceu grande influência sobre o movimento de Lausanne e na assinatura do Pacto de Lausanne, propondo um novo paradigma de missão para a igreja cristã, que até o momento era visto como o mero anúncio verbal da Palavra de Deus em algum país estrangeiro. Segundo Padilla, a TMI [Teologia da Missão Integral] não é uma teologia com a pretensão de abarcar todos os temas de um sistema teológico, como é o caso, por exemplo, da “Instituição da Religião Cristã”, de João Calvino. É, na verdade, uma aproximação à fé cristã que tenta relacionar a revelação do Deus trino com a totalidade da criação e com todo aspecto da vida humana, e tem como propósito a obediência da fé para a glória de Deus.<sup>26</sup> Na missão integral a ação dos cristãos ultrapassa os limites do templo e atinge todas as esferas da vida humana em seu contexto cotidiano. Visa

20

24 CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. “Reino de Deus” na teologia evangelical Latino-Americana. *Ciências Da Religião – História e Sociedade*, v. 5, n. 2, 2007, p. 150.

25 CAVALCANTI, R. Evangelicalismo, anglicanos e evangélicos. Viçosa: Ultimato, maio/jun. 2000, p. 45.

26 PADILLA, René. **10 perguntas fundamentais sobre Missão Integral**, 28 ago. 2014. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/10-perguntas-fundamentais-sobre-missao-integral>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

não apenas o aspecto espiritual das pessoas, mas preocupa-se com o ser humano em sua totalidade. Através desta perspectiva cada necessidade do ser humano passa a ser uma oportunidade para realizar a missão de Deus e todo cristão tem a obrigação de contribuir neste trabalho. O social ganha o mesmo destaque o espiritual.<sup>27</sup> Percebe-se claramente nesta teologia distintiva uma aproximação entre as práticas litúrgica e eclesiais com o aspecto social.

Na Missão Integral o ideal que se projeta para a igreja é que ela como um todo esteja envolvida no contexto em que está inserida através da forma de viver de cada cristão. Quando a igreja se compromete com o ideal da missão integral e comunica o Evangelho pelo que faz e diz, sua preocupação primordial não é mais o crescimento numérico ou financeiro, mas o testemunho que visa a transformação de vidas e da comunidade ao redor. Os que vem para a igreja não são vistos pela perspectiva de consumidores, mas de colegas no cumprimento da missão.

Na missão integral a ação dos cristãos ultrapassa os limites do templo e atinge todas as esferas da vida humana em seu contexto cotidiano. Visa não apenas o aspecto espiritual das pessoas, mas preocupa-se com o ser humano em sua totalidade. Através desta perspectiva cada necessidade do ser humano passa a ser uma oportunidade para realizar a missão de Deus e todo cristão tem a obrigação de contribuir neste trabalho.

Outro teólogo vai discorrer sobre a Missão Integral destacando que ela visa o cumprimento do Mandato Sociocultural presente nos primeiros versículos da Bíblia, compondo as primeiras ordenanças de Deus ao homem.

O Mandato sociocultural de Gênesis nos aponta para o projeto de Deus para a espécie humana. O projeto não está explicitamente descrito, mas implícito naquilo que a narrativa bíblica

27 PADILLA, René. O que é missão integral? Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 13-23.

apresenta na forma de comando divino. Ele inclui: (i) apoio à família e à educação; (ii) apoio à pesquisa científica e tecnológica; (iii) promoção da nutrição alimentar e, por inferência, de todas as necessidades básicas para a sobrevivência e saúde de todos, sem exceção de ninguém; (iv) descanso e lazer para todos, e, por inferência, trabalho para todos.<sup>28</sup>

Não há como dizer que alguma denominação inteira seja adepta desta teologia. O que se percebe é que as denominações oriundas da reforma na Inglaterra, principalmente os Batistas e Metodistas, são as que mais tem igrejas adeptas desta teologia e se enquadrariam neste segmento, ou seja, seriam as denominações evangélicas.<sup>29</sup>

### 3. FALTA PRÁTICA À TEOLOGIA PRÁTICA OU É IMPOSSÍVEL DE PRATICAR A MESMA?

22

Há uma evidente teologia norteadora, extremamente pragmática e de relevância social indiscutível. Mas apesar disso não há unidade de trabalho entre as denominações que se enquadram na perspectiva de uma fé evangélica e, conseqüentemente elas são “engolidas” pelo todo evangélico à nível de Brasil e América Latina.

Provavelmente esta situação é decorrente pelo fato de nem toda a denominação que surge da reforma da Inglaterra adota em sua totalidade esta teologia de cunho social. Ela é uma opção disponível às igrejas, que dentro dos limites de discordância permitidos à elas, optam ou não por seguir esta teologia.

Mas a prática da sua forma de pensar pode provocar apro-

28 GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Missão Integral**: um convite à reflexão, 20 jul. 2010. Disponível em: <<http://teologiaentreamigos.blogspot.com.br/2010/07/missao-integral-um-convite-reflexao.html>>. Acesso em: 03 mai. 2017.

29 SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos**. Traduzido por Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2005, p. 167-180.

ximação entre os diferentes e fazer com que se vejam como sendo parecidos na sua ação. Mesmo não englobando denominações inteiras, a ação pode aproximar igrejas com visões semelhantes. Mas há pelo menos três grandes barreiras que impedem uma ação prática das diferentes denominações participantes do movimento evangélico na atualidade.

Um dos primeiros desafios vem da prática evangélica brasileira de dicotomizar diferentes esferas, fazendo com que cada uma delas encontre vida própria em si mesma, como se não dependesse das demais e como se as demais não fossem parte dela. Há diferentes dicotomias: social versus espiritual, pastoral versus missional, evangelização versus ação social, etc.<sup>30</sup> Nestas dicotomias passa-se a não entender o trabalho pastoral das comunidades, uma vez que ele é visto como mera ação daqueles que pertencem à uma comunidade, são pagos por ela e se reportam para a própria comunidade. Esta visão introjetada dos membros das igrejas evangélicas faz com que o fim principal da ação eclesial se volte voltado para dentro da instituição, e, conseqüentemente a outra comunidade passa a ser vista como uma concorrente, já que busca, igualmente, exercer uma atração de pessoas para que elas fiquem dentro de suas quatro paredes.

Este movimento tem teatralizado e transformado em shows a ação da igreja, sem contar toda a questão da infraestrutura da construção de mega-templos para o atendimento do público alvo. Os investimentos financeiros tem sido voltados, em alguns contextos para a questão da infraestrutura eclesial.

O marketing, a teatralização dos púlpitos, a concorrência entre igrejas, a manipulação das massas, o espetáculo e a espetaculosidade da fé tendem a minar o amor, a motivação e a ética cristã [ou, em outras palavras, a ação missionária integral]. Então, o motivo do sucesso dessas igrejas certa-

30 LOPES, César Marques. **Mobilizando a igreja local para uma missão integral transformadora**. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. *Missão integral transformadora*. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006, p. 135-140.

mente se transformará na razão do seu fracasso no futuro, pois todas essas coisas um dia saem de moda, ficam obsoletas, cansam.<sup>31</sup>

Em síntese, a junção destas igrejas não ocorre porque se veem como concorrentes, o que nega a sua própria teologia. A vaidade do meio evangelical faz com que esqueçam o pobre de quem tanto falam, para manifestar seu domínio e usar aqueles que deveriam defender.

Uma segunda barreira está relacionada à concentração de poder nas mãos de algumas poucas pessoas que lideram a igreja, geralmente na figura de seus pastores. Há uma crescente sacralização da figura do líder que se torna o mediador das ações da igreja. Esta visão é facilmente incorporada pelas igrejas, pois torna o trabalho mais simples: pagam seus pastores que realizam o trabalho. Com isso, eles fazem o que podem e a igreja imagina estar fazendo muito na sociedade.<sup>32</sup>

24

A falta de envolvimento de todos faz com que os mesmos não convivam com outras realidades e nem mesmo com outros semelhantes. Os cristãos de uma igreja não se encontram com os de outra igreja enquanto cumprem a sua missão na sociedade. Eles apenas se encontram com seus iguais dentro dos seus templos. Ao não encontrar o outro, fica mais complicado de se saber o que ele pensa e é mais fácil de considerar o mesmo errado em sua forma de agir.

A terceira grande barreira é a não-ação, característica dos evangélicos e evangelicais brasileiros. A não-ação é estimulada em todos os segmentos e o não-fazer é que caracteriza o membro da igreja, que *não fuma, não bebe, não joga, não rouba...* não fazer é ser evangelical.

Esta não-ação se manifesta em diferentes esferas e está relacionada com as anteriores: o cristão não pensa teologia, pois

31 BARRO, Jorge Henrique. (org.). **Uma igreja sem propósitos**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 22.

32 LOPES, 2006, p. 140-149.

quem pensa é o pastor que está acima dele e que sabe quais são as ações que cabem à igreja no momento. Se no âmbito religioso a não-ação se manifesta, pode-se imaginar as extensões disso para a área social e política.

Ao mesmo tempo, pode-se até presenciar um envolvimento de evangélicos no universo político, pena que com motivações escusas, visando novamente a obtenção de benefícios para o grupo ao qual pertencem, como vetar determinadas leis que prejudiquem o segmento, como a participação na formulação do Novo Código Civil que levou em consideração a tributação das igrejas.<sup>33</sup>

### Como destaca Lopes

Fomos treinados a *não-se-envolver, não-refletir e não agir*. No entanto, sempre que falamos de Missão Integral, falamos de algo que temos que *fazer*. A ética da não-ação simplesmente não funciona quando pensamos nesta dimensão missionária integral! Não adianta apenas *não roubar* numa sociedade em que o roubo dos políticos e empresários traz consequências profundas para a população. Não adianta simplesmente *não usar drogas* em cidades e bairros em que as crianças são envolvidas no tráfico de entorpecentes e morrem diariamente em consequência disso. Não adianta simplesmente *não matar* num mundo dominado por interesses gananciosos que falam mais alto do que a vida dos empobrecidos, ou *não ser violento* num mundo em que o preconceito racial e a intolerância religiosa estraçalham pessoas ao redor de todo mundo.<sup>34</sup>

Quando se olha para os precursores do movimento integral a ênfase recai sobre indivíduos e as organizações são postas a segundo plano. Pode-se citar John Wesley como alguém muito preocupado com as questões sociais. São atribuídas à ele muitas

33 LOPES, 2006, p. 149-150.

34 LOPES, 2006, p. 150.

ações transformadoras na área social, como a abertura de clínicas gratuitas, o estabelecimento de uma espécie de cooperativa de crédito, escolas e orfanatos. “Os historiadores atribuem à influência de Wesley - muito mais que a qualquer outra coisa — o fato de a Inglaterra haver sido poupada dos horrores de uma revolução sangrenta como a da França”.<sup>35</sup>

Ainda pode-se citar William Wilberforce que foi um parlamentar cristão que lutou ao longo de toda a sua vida para transformar a Inglaterra em um país livre da escravidão. Ele foi o fomentador de todo o movimento antiescravagista mundial.<sup>36</sup>

Há a necessidade de uma igreja mundana, no sentido de uma igreja relevante no mundo, a começar pela comunidade que a cerca. Uma igreja que incentiva seus filhos a realizarem a transformação necessária onde estão, sendo um referencial para as pessoas à sua volta. Seria uma igreja em contato com os que precisam dela.<sup>37</sup>

Lausanne, ao falar da natureza da evangelização e da responsabilidade social traz consigo a ideia do alcance de todo homem. Esta é uma visão que fere o fundamentalismo religioso que tente a dividir a “humanidade entre os *nossos* e os *adversário*” e faz com que os evangélicos se voltem àqueles que se consideram seus piores inimigos, no contexto em que estão.<sup>38</sup>

Parece impossível conciliar estes diferentes, mesmo que estejam apoiados em uma teologia comum. É preciso levar em consideração todo universo das crenças, que segundo Certeau, o crer, na atualidade, o saber e os seus conteúdos se definem reciprocamente e seus funcionamentos são definidos pelas exigências de uma posição como também pelas pressões históricas. Ele

35 STOTT, John. **John Stott comenta o Pacto de Lausanne**. Série Lausanne. São Paulo: ABU, 1983, p.9.

36 SCHAEFFER, Francis A. **Manifesto cristão**. [S.l.]: Refúgio, 1985, p. 65

37 SANTOS, Luiz Fernando dos. Por uma igreja mundana. Ultimato, 20 fev. 2013. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/por-uma-igreja-mundana#igreja+mundana>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

38 ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja de hoje**. In: KOHL, 2006, p. 23-24.

segue numa linha que é considerada uma antropologia do crer e da crença, mostrando a necessidade de um olhar sistemático sobre os processos que estão presentes em sua constituição.

Ele expressa que, mais além do entendimento dos objetos da crença, é fundamental reconhecer, de modo profundo, os mecanismos de sua constituição enquanto proposição, os recursos empregados para a sua enunciação, as ações práticas envolvidas, enfim, o conjunto de operações que cercam o movimento do fazer crer, originário de relações de credibilidade estabelecidas em determinados espaços. Somente uma aproximação ampliada ao processo dessa construção permitirá entender a complexidade, a elasticidade das questões que envolvem o seu reconhecimento, uma vez que muitos são os elementos que intervêm em sua constituição. Em síntese, a dificuldades de aproximação das diferentes denominações são uma realidade porque as mesmas surgiram por diferentes pensamentos e em diferentes momentos. Como se não bastasse, suas igrejas surgiram em momentos distintos, o que faz com que as mesmas, dentro de uma denominação em comum, tenham formas de crer diferenciadas.<sup>39</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A generalização da dimensão religiosa no Brasil é uma prática comum. Fala-se dos evangélicos sem considerar as diferenças entre estes grupos. É uma pena, porque a generalização não permite a visualização da vasta manifestação cultural presente em cada um dos diferentes grupos.

A denominação *evangelical* busca agrupar determinado grupo de igrejas que tem ligação histórica com a reforma na Inglaterra. Por mais que a premissa do termo buscasse abarcar denominações inteiras, percebe-se na pesquisa uma imensa dificuldade de se realizar este feito, até porque as principais igrejas que poderiam ser consideradas evangélicas, batistas e metodistas, tem em seus grupos igrejas que nem de longe praticam esta teologia.

39 CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 280-288.

O que se percebe de forma clara é que o *crer*, em suas múltiplas manifestações relacionadas aos contextos em que surge, que em certo sentido torna impossível o agrupamento de denominações, pode também servir como moderador para que diferentes igrejas, e não mais denominações, passem a aderir à esta teologia e trabalhar em conjunto em prol daqueles que necessitam desta ação. Os que creem de forma parecida podem se juntar e esta junção seria extremamente benéfica.

A falta de incentivo para ações conjuntas tem desestimulado esta realidade e não é por menos que a história aponta para indivíduos que, ao aderirem à esta teologia, fizeram diferença na sociedade em que estavam inseridos. A própria Teologia da Missão Integral enfatiza a ação da pessoa e não do grupo. Ela o faz sem ignorar o fato de que o efeito é muito maior quando há a junção de pessoas no empreendimento, mas começa com a ação de cada um.

28

Os evangelicais podem muito na sociedade brasileira que carece de políticas públicas que se voltem para o pobre e necessitado. Neste aspecto não importa a placa posta na frente da igreja. Importa sim a forma de pensar sobre a importância que se dá ao indivíduo. Os que aderem esta teologia pensam algo interessante para os excluídos, por isso vale a pena lutar para que se juntem.

## REFERÊNCIAS

ALLAN. **The Evangelicals: An Illustrated History.** Grand Rapids: Baker Book House, 1989.

BARRO, Jorge Henrique (org.). **Uma igreja sem propósitos.** São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

BONINO, José Miguez. **Rostos do Protestantismo Latino-Americano.** São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BOSCH, David. **Missão transformadora**. São Leopoldo: Sino-  
dal, 2002.

CALVANI, C. E. **O Movimento Evangelical**: considerações his-  
tóricas e teológicas. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências da  
Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo  
do Campo, 1993.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: orga-  
nização e marketing de um empreendimento neopentecostal.  
Petrópolis: Vozes; São Paulo: Universidade Metodista de São  
Paulo, 1997.

CAVALCANTI, R. **As origens do evangelicalismo**. Viçosa: Ul-  
timato, 1998.

CAVALCANTI, R. **Evangelicalismo, anglicanos e evangé-  
licos**. Viçosa: Ultimato, maio/jun. 2000.

CAVALCANTI. “**Os protestantes e os evangélicos**: liberalismo,  
neofundamentalismo e evangelicalismo”. Viçosa: Ultimato, nov.  
1993.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3.ed. Petrópo-  
lis: Vozes, 1998.

CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – HISTÓRIA E SOCIEDADE, São Pau-  
lo, n.5, 2º sem. 2007.

FRESTON. **Fé bíblica e crise brasileira**. Viçosa: Ultimato,  
nov. 1993.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Missão Integral**: um convite à re-  
flexão, 20 jul. 2010. Disponível em: <<http://teologiaentreamigos.blogspot.com.br/2010/07/missao-integral-um-convite-reflexao.html>>. Acesso em: 03 mai. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**.  
11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. **Missão integral transformadora**. Tradução de César Marques Lopes. Londrina: Descoberta, 2006.

LONGUINI NETO, Luis. **O novo rosto da missão**: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002.

MARSDEN, George. **Understanding Fundamentalism and Evangelicalism**. Erdmans, 1991.

MENDONÇA. “**Quem é evangélico no Brasil?**” Contexto Pastoral, Debate nº 8, 1992.

PADILLA, René. **10 perguntas fundamentais sobre Missão Integral**, 28 ago. 2014. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/10-perguntas-fundamentais-sobre-missao-integral>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

30

PADILLA, René. **O que é missão integral?** Tradução de Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009.

QUIROZ (comp.). **Teologia en el camino**: documentos presentados em los ultimos veinte años por diferentes comunidades cristianas de America Latina, [198?].

SANTOS, Luiz Fernando dos. **Por uma igreja mundana**. Ultimato, 20 fev. 2013. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/por-uma-igreja-mundana#igreja+mundana>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

SCHAEFFER, Francis A. **Manifesto cristão**. [S.l.]: Refúgio, 1985.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos**. Traduzido por Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2005.

STEER, R. **Guarding the Holy Fire.** The Evangelicalism of John R. W. Stott, J. I. Packer, and Alister McGrath. Grand Rapids: Baker Book House, 1999.

STOTT, J. R. W. **Evangelical Truth.** A personal plea for unity. Leicester: Inter-Varsity Press, 1999.

STOTT, J. R. W. **Las controversias de Jesús.** Trad. Olivia de Hussey. Buenos Aires: Certeza, 1975.

STOTT, John. **John Stott comenta o Pacto de Lausanne.** Série Lausanne. São Paulo: ABU, 1983.